

Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua portuguesa

Angélica Paixão dos Santos¹
Maquézia Suzane Furtado dos Santos²
Washington Luiz dos Santos Assis³
Marília Lima Pimentel Cotinguiba⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados relativos a um projeto de iniciação científica, por meio de uma pesquisa de campo com observação participante. O objeto de análise é um projeto de extensão realizado pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – cujo objetivo é o ensino da língua portuguesa para imigrantes haitianos e contribuir para a sua inserção social na cidade de Porto Velho, na Amazônia ocidental brasileira. A análise procura realizar um diálogo entre a linguística e a antropologia, tomando como conceitos centrais as noções de alteridade, língua e cultura.

Palavras-chave: Mobilidade haitiana. Amazônia brasileira. Língua e inserção sociocultural. Ensino de Português para imigrantes

Abstract: This article aims to present some results of a project of science initiation, through field research with participant observation. The object of analysis is an extension project carried out by the Federal University of Rondônia – UNIR – aimed at the Portuguese language to Haitian immigrants and contribute to their social integration in the city of Porto Velho, in the Brazilian western Amazon. The analysis seeks to achieve a dialogue between linguistics and anthropology, taking as central concepts the notions of otherness, language and culture.

Keywords: Haitian mobility. Brazilian Amazon. Language and sociocultural insertion. Portuguese teaching for immigrants

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta apresentar o trabalho realizado, em nível de iniciação científica (PIBIC), no âmbito do projeto de extensão universitária intitulado *Migração Internacional na Amazônia Brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto*

¹ Graduanda em Letras/Português e bolsista do PIBIC da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Email: angelpaixao@outlook.com.

² Graduanda em Ciências Sociais e bolsista do PIBIC da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Email: maqueziafurtado@gmail.com.

³ Graduando em Ciências Sociais e bolsista do PIBIC da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Email: was.assis_unir@yahoo.com.br.

⁴ Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. EMail: mpimnetel9@gmail.com

Velho, cujo objetivo geral é proporcionar a inserção sociocultural de imigrantes haitianos por meio da aquisição da língua portuguesa.

A experiência adquirida com as aulas tem propiciado o desenvolvimento de teorias e práticas educativas aplicáveis ao ensino da língua portuguesa para imigrantes. Essa ação minimiza, consideravelmente, o tempo para socialização dos indivíduos que participam – ou participaram – das aulas. Nesse contexto, a pesquisa realizada oferece um leque de abordagens para reflexão e análises. No entanto, a reflexão delimitada aqui não nos permite explorar as diferentes possibilidades dessa temática, mas apresentar ao leitor o caminho que foi traçado por nossa equipe para atingir os resultados obtidos.

Embora o projeto de extensão desenvolva atividades com os haitianos desde 2011, para a elaboração deste artigo foram considerados os dados obtidos em 2014 e 2015, período de vigência da pesquisa de iniciação científica, contudo, informações sobre os anos anteriores aparecerão, tomadas como argumento explicativo, com base na experiência da equipe dos participantes.

Dividimos este trabalho em duas partes. A primeira destinou-se à apresentação do referencial teórico sobre língua e cultura; a segunda à discussão dos resultados da pesquisa. Dessa forma, a nossa reflexão é trazida como um contributo para as discussões sobre a mobilidade haitiana e como subsídios para a discussão sobre a necessidade de desenvolvimento de política de imigração contemporânea. A Amazônia brasileira é, indiscutivelmente, um lugar por excelência que marca o momento de ruptura, um rito de passagem, a mudança de categoria jurídica (COTINGUIBA, 2014; COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014). Porto Velho tem sido, desde o início de 2011 um lugar de destino para muitos desses imigrantes haitianos.

Atualmente estima-se que no município de Porto Velho, Rondônia, exista aproximadamente 1500 imigrantes haitianos. Não é tarefa fácil declarar com exatidão uma estatística desses sujeitos na cidade, ainda que sejam realizados levantamentos e acompanhamentos constantes, pois a cada dia uns chegam e outros partem, num movimento constante de chegada, passagem, permanência, partida e retorno.

Segundo Cotinguiba e Pimentel (2012), umas das principais portas de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil é a tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, por onde tem passado a maioria dos haitianos que chegam a Porto Velho em busca de trabalho e uma vida melhor. As cidades que registram o maior número de entrada de imigrantes haitianos, na região norte do país, são Brasiléia-AC, Tabatinga-AM e Assis Brasil-AC.

Além das barreiras jurídicas encontradas pelos haitianos ao chegarem à fronteira para entrarem no Brasil, há o fator linguístico que dificulta sobremaneira a inserção desses imigrantes. A questão jurídica é superada em cerca de uma semana – mas já foi de até 2 meses –, porém, os entraves advindos do contato com a língua portuguesa não têm e não pode ter, um prazo para que os sujeitos possam se afirmar em uma situação tranquila. A população haitiana tem como língua materna o *Kreyòl Ayisyen*, crioulo haitiano e apenas cerca de 5% domina o francês, apesar de as duas línguas serem oficiais de acordo com a Constituição do País. Devido à experiência em mobilidade para a República Dominicana, muitos têm fluência em espanhol, majoritariamente os homens, enquanto as mulheres são, em sua maioria, monolíngues, falantes apenas do *Kreyòl*.

O projeto de extensão aqui abordado foi criado com o objetivo de oferecer aos haitianos uma via para aprenderem a língua portuguesa e, desde 2011, tem proporcionado, o ensino da língua, além de vincular-se a outros trabalhos com o objetivo da inserção social desses imigrantes residentes em Porto Velho. Inicialmente, os coordenadores do projeto⁵ perceberam que três necessidades precisavam ser supridas em curto prazo: vencer a barreira da língua, inserção no modo de produção local e a habitação. As aulas começaram em 2011, na Paróquia São Bosco, cujo professor era um haitiano aprendiz da língua portuguesa. Na fase inicial do projeto, no segundo semestre de 2011, dedicou-se mais à necessidade de contribuir no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para os haitianos, pois o aprendizado de uma língua é condição básica para uma comunicação mais eficaz. Até dezembro de 2011 esse projeto já havia atendido mais de 100 haitianos e manteve um grupo perene de 45 alunos aprendizes. No ano de 2012, frequentaram 211 haitianos e ano seguinte este número alcançou 258 matriculados. No recorte temporal aqui apresentado já participaram, aproximadamente, 345 alunos, em 2014 e nos primeiros meses de 2015. As aulas ocorrem aos sábados no horário noturno, e são ministradas na Escola Estadual 21 de Abril, situada na zona central da cidade de Porto Velho, visto que por motivo de localização e estrutura ficava melhor uma instituição que pudesse abranger a demanda de participação desses imigrantes.

Atualmente conta com a colaboração de pesquisadores e docentes da instituição, discentes do mestrado acadêmico em letras e em estudos literários, acadêmicos de cursos de graduação (letras-português, letras-inglês, ciências sociais, arquitetura e história) e voluntários. No ano de

⁵ Este projeto é coordenado pela professora doutora Marília Lima Pimentel Cotinguiba e pelo professor mestre Geraldo Castro Cotinguiba, vinculado ao grupo de pesquisa MIMCAB e ao DLV, da Universidade Federal de Rondônia em parceria com o Serviço Pastoral do Migrante.

2015, uma das linhas de ação implantadas no projeto foi a preparação dos alunos para os exames da EJA e ENEM.

O objetivo da pesquisa de iniciação científica – que ainda está em curso – foi analisar como se desenvolviam as aulas de português para os haitianos no âmbito de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal de Rondônia desde janeiro de 2012 e, também, de como está se dando a aquisição da língua portuguesa pelos imigrantes e investigar em que medida o referido projeto está efetivamente contribuindo para inserção dos imigrantes em Porto Velho. Assim, o presente artigo apresenta um recorte dessa pesquisa de PIBIC referente ao ciclo 2014/2015, conforme explicitamos anteriormente.

2 LÍNGUA, LINGUAGEM E CULTURA

Linguagem e cultura não são temáticas novas na análise da vida social (SAUSSURE, 2006; LÉVI-STRAUSS, 1976). Nesta seção abordaremos sucintamente algumas teorias linguísticas e antropológicas, clássicas e contemporâneas, que mediarão o diálogo das nossas práticas com essas duas áreas do saber, em nossa pesquisa. Apresentaremos nas próximas linhas algumas das ferramentas teóricas que ajudaram a fundamentar o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa para imigrantes haitianos frequentadores do projeto de extensão universitária do qual fazemos parte.

A compreensão da relação de interdependência existente entre esses distintos saberes (linguagem e cultura) tem proporcionado à equipe do projeto de extensão resultados significativos, para a melhoria da aquisição da língua portuguesa para os imigrantes haitianos, em Porto Velho.

Nos estudos dos clássicos, a contribuição do linguista e filósofo Ferdinand Saussure (2006) foi precursora para o entendimento inicial de língua e linguagem. Para o teórico, língua é ao mesmo tempo um produto social e uma convenção, adotada pelo próprio corpo social (sociedade) para permitir-lhe o exercício da linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Enquanto a linguagem é um sistema composto por duas partes, a língua (social) e a fala (individual), que por sua vez podem ser orais ou escritas, verbais ou não verbais.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objetivo a língua, que social é em sua essência e independe do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objetivo a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (SAUSSURE, 2006, p.27).

Do mesmo modo, Saussure considera a linguagem um processo psíquico e físico, composto por signos, significado e significante. O signo de linguagem é formado pela dicotomia, significado – que é o conceito dado ao signo – e do significante – a imagem acústica. Esse é o ponto dos estudos linguísticos de Saussure que – em primeira análise – utilizamos para a compreensão e interpretação dos signos como parte de uma prática social, no qual a visão de mundo – e suas formas conceituais – influenciam sobremaneira na compreensão dos signos linguísticos.

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos (SAUSSURE, 1916, p. 80).

No campo antropológico uma das maiores contribuições para esses estudos foi a do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que nos estudos da linguagem percebeu uma relação estreita entre linguagem e cultura. Para ele, a linguagem pode ser tratada tanto como produto, quanto parte e condição de uma dada cultura, conforme assinala,

A linguagem pode ser tratada como *produto* de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura, constitui um de seus elementos, entre outros. Lembremos a celebre definição de Tylor, para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende instrumentos, instituições, crenças, costumes e, evidentemente, língua. A depender do ponto de vista adotado, as questões que se colocam não são as mesmas. Mas, além disso, é também possível tratar a linguagem como *condição* da cultura, e por duas razões. Uma diacrônica, já que é principalmente por intermédio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; a criança é instruída e educada pela palavra, e reprimida e elogiada com palavras. De um ponto de vista mais teórico, a linguagem também se apresenta como condição da cultura, na medida em que esta possui uma arquitetura similar a da linguagem. Ambas se constroem por intermédio de oposições e correlações ou, em outras palavras, de relações lógicas. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p 80)

Em seus estudos de antropologia estrutural Lévi-Strauss (1976) aponta, ainda, que “a linguagem pode ser considerada uma fundação destinada a receber estruturas” (p. 80). No entanto, as estruturas recebidas devem corresponder ao mesmo tipo que as suas, em seus vários aspectos⁶.

Claude Lévi Strauss e Ferdinand Saussure forneceram às Ciências Humanas, em especial a antropologia e a linguística, contribuições fundamentais para o entendimento da relação existente entre cultura e linguagem.

Em nossos estudos, para o ensino de língua portuguesa para imigrantes, entendemos ser imprescindível considerarmos a história, a cultura e a experiência de vida dos nossos interlocutores.

Com o passar do tempo, a experiência e o método utilizado nos fez perceber que apenas o estudo dos clássicos não era suficiente para uma boa análise da realidade encontrada, tampouco dos dados obtidos na pesquisa etnográfica.

A solução para suprir as carências de compreensão da realidade e necessidade de melhoria do processo, foi somar ao estudo dos clássicos a contribuição do teórico contemporâneo Stuart Hall.

De Hall (2013) emprestamos os estudos culturais, a distinção das questões “Multicultural⁷/Multiculturalismo” e o início de suas reflexões sobre os modelos de “Codificação/Decodificação” – mais precisamente a parte que trata de sua oposição a uma noção particular de conteúdo unilinear transmitida do emissor para o receptor⁸.

O entendimento do multiculturalismo⁹ nos proporcionou refinar convicções e práticas de alteridade já exercitadas no projeto, melhorando a qualidade do ensino e a condição de receptividade dos interlocutores.

A questão da “Codificação/Decodificação”, analisada de uma entrevista gravada na Universidade de Massachusetts, em fevereiro de 1989¹⁰, onde Hall faz uma crítica ao modelo

⁶Nem todos os haitianos que chegaram a Porto Velho receberam esses serviços e apoios.

⁷ Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de original. (HALL; 2013)

⁸ Nossa intenção não é fazer o uso pleno da teoria de Codificação/Decodificação, mas sim utilizar a linha de construção lógica que gerou a reflexão e aplica-la às necessidades de comunicação no projeto de extensão.

⁹ “Multiculturalismo refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar e administrar problemas de diversidade e multiplicidades gerados pelas sociedades multiculturais”. (HALL; 2013)

¹⁰ Cf. Stuart Hall, Da Diáspora: identidades e mediações culturais, p.391.

tradicional de análise de conteúdo empírico positivista, fez-nos perceber que deveríamos nos atentar e buscar nos comunicar de maneira mais clara para que a recepção ocorresse da melhor forma possível, visto que se trata de um falante de outra língua. Para isso tivemos que aprender palavras e expressões do crioulo haitiano, e introduzir aos textos das aulas matérias que contivesse a realidade e o cotidiano dos alunos, tanto do Haiti, como do Brasil.

3 INSERÇÃO SOCIOCULTURAL POR MEIO DO ENSINO DA LÍNGUA

Os resultados parciais que apresentamos neste artigo foram realizados por meio de uma pesquisa de campo, com observação participante, durante as aulas dos haitianos. Além da participação nas aulas, realizamos visitas em algumas residências, na igreja haitiana e em uma escola da rede estadual de ensino fundamental que recebe crianças haitianas.

Chamamos de inserção sociocultural o processo de *socialização* por meio da inclusão social e cultural de indivíduos, ou grupos, em dada sociedade. Nessa relação os grupos ou indivíduos “aceitam” a sociedade que se encontram, “se aceitam” como parte dela – ainda que parcialmente – e são “aceitos” por ela. Numa relação mútua, independentemente da situação em que se encontrem – quer seja definitiva ou temporária, como é o caso dos imigrantes. Logo, a inserção sociocultural não é um processo simples, é uma via de mão dupla na qual a *socialização* é uma aceitação congênere.

Segundo Joseph Bram, a socialização é um processo de aprendizagem por meio da experiência e da orientação social (BRAM, 1968). Para ele a participação completa dentro de uma determinada sociedade ocorre por diversas maneiras, todas passando pela linguagem. Dessa forma, ocorre com os haitianos, ao chegarem ao Brasil, um processo que se insere nessa perspectiva.

Ao entrar no Brasil, o imigrante haitiano se depara com uma outra língua e uma outra cultura, anseiam, por sua vez, aprender os códigos e sinais dessa nova realidade social e a língua portuguesa é um caminho mais rápido para isso, pois necessitam se estabelecer e comunicar com o “outro” nesta nova realidade. Nessa perspectiva, percebemos a importância do projeto de extensão, ao ensiná-los o português, buscando auxiliá-los no processo de inserção social.

Além de subsidiá-los no processo de inserção sociocultural por meio do ensino da língua, esse projeto pretende desenvolver pesquisas ao longo de seu andamento; realizar cursos de formação à equipe; oferecer cursos de línguas tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a comunidade externa.

Aprender a língua do outro é um pré-requisito para a inserção na sociedade, não há como pensar inserção social separadamente da língua. Assim, entendemos o quanto é importante para um imigrante a aquisição da língua que, dentre seus sonhos e planos, individuais ou coletivos, ele necessita de um emprego, expressar-se, ser atendido nas mais diversas situações do dia a dia.

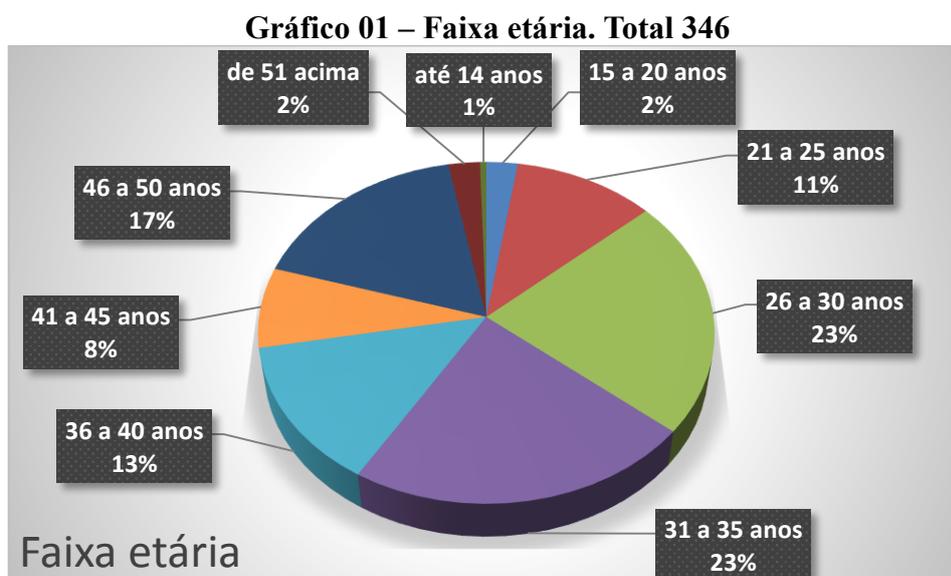
É preciso atentar para o fato de que o imigrante vem de outra realidade social, com outras formas de se relacionar, outros costumes e hábitos que tornam o ensino da língua portuguesa, nesse caso, um pouco mais delicado. Fluirá melhor o aprendizado, caso o professor leve em conta esses aspectos, apropriando-se da noção de alteridade e, com isso, perceber que há um outro na relação.

Para que a comunicação entre o aluno da língua alvo e o professor se estabeleça de forma mais clara, é preciso que o mediador dessa segunda língua tenha cuidados maiores, quais sejam, pronunciando de forma clara e procurando evidenciar o que se quer dizer a partir, também, da linguagem não verbal, utilizando sinais, movimentos dos braços e expressões faciais. São questões simples, mas que fazem uma grande diferença no aprendizado do imigrante.

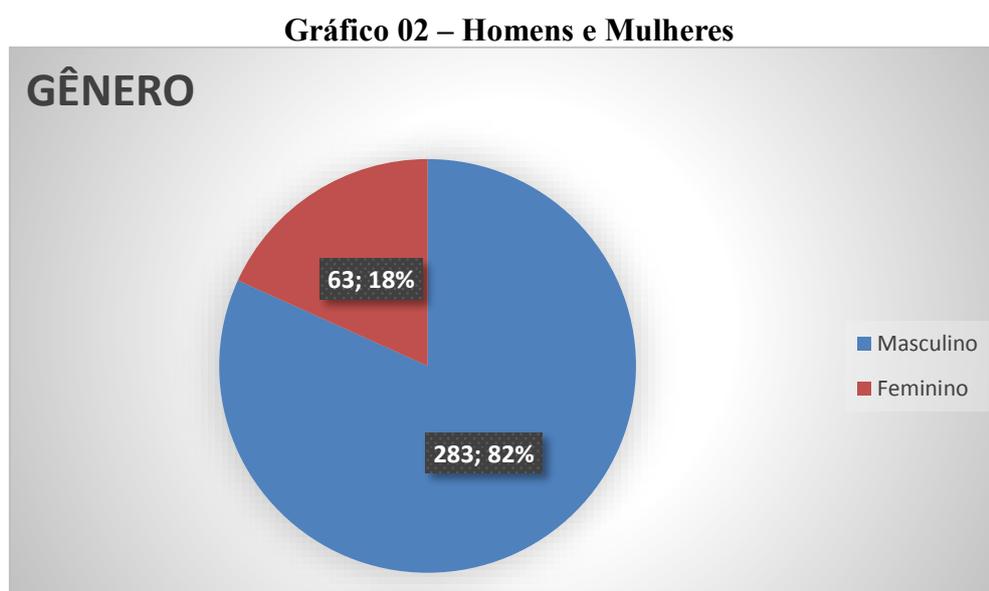
Ensinar uma nova língua, contribuir para a inserção em uma nova realidade social diferencia-se de impor. Nosso objetivo não é e nem deve ser desintegrar o imigrante, fazê-lo esquecer, ou tratar com indiferença os seus costumes e a sua língua. Acreditamos que ensinar uma língua seja expandir e adicionar, reconhecendo a importância do outro, a importância da língua do outro e dos seus costumes. É estabelecer uma troca de conhecimentos. É ensinar usufruindo a possibilidade de demonstrar as diferenças e as semelhanças que há entre as duas línguas, o que acaba familiarizando e, com isso, chamando a atenção do estudante.

Quando os haitianos procuram a Escola Estadual 21 de Abril, para estudar português, preenchem uma ficha de inscrição que foi elaborada pelos coordenadores do projeto. Nessa ficha, além dos dados pessoais, são registrados a idade, estado civil, procedência, grau de escolaridade, atividade laboral na origem e no Brasil, dentre outras observações pertinentes. Os que chegam pela primeira vez vão para uma sala denominada nivelamento, depois de 04 sábados, os professores dessa turma verificam em que classe irão ficar cada aluno, conforme o nível de português de cada um. Há três turmas, além da classe de nivelamento, uma de iniciante, outra de intermediário e outra de avançado.

Há uma heterogeneidade entre os alunos que frequentam as aulas de projeto, como se pode observar no gráfico a seguir, em relação ao quantitativo de haitianos e haitianas que frequentaram as aulas no ano de 2014 e nos primeiros meses de 2015.



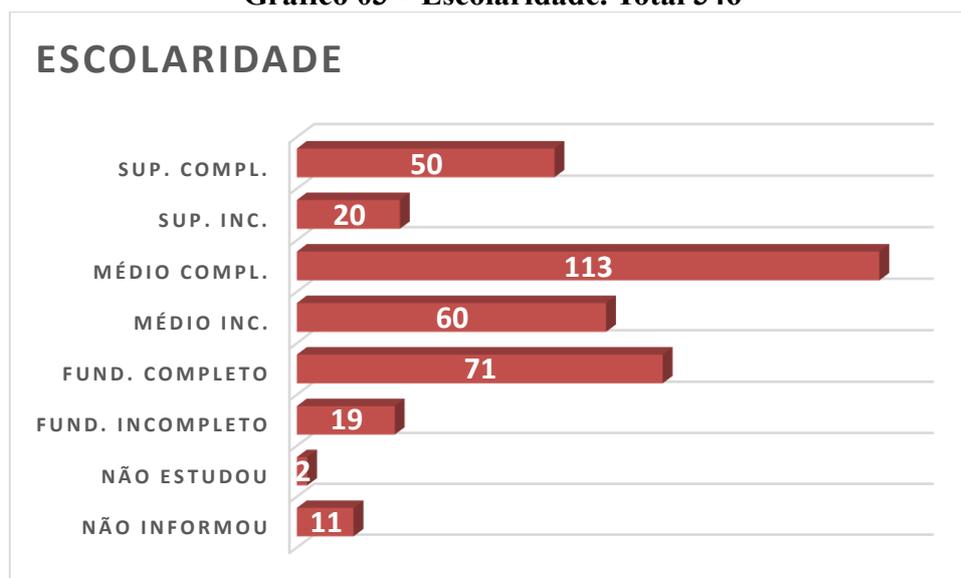
Com base no gráfico acima e conforme apontou Cotinguiba (2014), a faixa etária predominante indica uma mobilidade de pessoas em idade produtiva, majoritariamente uma migração para trabalho, com idade entre 21 a 40 anos, representando 70% do gráfico. O quantitativo de crianças que frequentam as aulas do projeto aumentou em relação a 2011 e 2012, visto que as mães, por meio da reunião familiar, estão vindo para o Brasil e trazendo os filhos.



Como se percebe, há predominância do sexo masculino, e em menor parcela do feminino. Além disso, durante as aulas, notamos que há um interesse maior dos homens – o que

entendemos como um dos critérios que favorecem no processo de inserção social. Vale ressaltar, também, que a pesquisa desenvolvida por Cotinguiba e Pimentel tem apontado que os homens, nessa mobilidade, têm mais anos escolares que as mulheres. O quantitativo de mulheres que frequentam as aulas, embora pouco, não significa que não têm menor proveito, por que sendo elas, tão interessadas quanto eles, aproveitam com mesmo desempenho.

Gráfico 03 – Escolaridade. Total 346



Como se pode observar, grande parte dos matriculados no projeto possuem ensino médio completo. Muitos dos que já concluíram e os que não concluíram, manifestam o desejo de cursar o ensino superior no Brasil, o que para eles pode aumentar ainda mais essa inserção sociocultural no sentido em que isso contribui para a melhoria de vida. Por conta dessa manifestação, foi criado no ano de 2015, a turma de “Pré-ENEM” visando assistir a demanda dos que querem entrar nas faculdades e universidades brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados nesse artigo apontam que a equipe desse projeto de extensão universitária vem ao longo de sua existência construindo práticas, por meio de teorias linguísticas e antropológicas, pautadas em conceitos que respeitam a diversidade cultural de seus alunos.

Acreditamos que para a constituição de uma inserção sociocultural se faz necessário, além do aprendizado da língua, a construção de um olhar, baseado em alteridade e respeito à diversidade.

Além das práticas no projeto de extensão, os professores, alunos e voluntários contam com os estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa MIMCAB que, por meio da compreensão dos signos da linguagem e da noção antropológica de cultura tem desenvolvido ferramentas importantíssimas para o êxito de todo o trabalho. Ademais, vários artigos acadêmicos e relatórios de pesquisa de campo foram publicados, assim como um livro de ensino de Língua Portuguesa para haitianos, adaptado para senegaleses e bengaleses, em parceria com o SESI de Santa Catarina. É dessa forma que, em seus cinco anos de existência, o projeto tem conseguido incluir indivíduos haitianos socioculturalmente em Porto Velho, através do ensino de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BRAM, Joseph. **Linguagem e Sociedade**. Bloch. Rio de Janeiro 1968.

ELGIN, Suzette H. **O que é linguística?** Zahar Editores. Rio de Janeiro 1974.

COTINGUIBA, Geraldo C. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais. Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho: 2014.

COTINGUIBA, G. C. & PIMENTEL, M. L. **Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho**. In. *Travessia* (São Paulo), v. 70, p. 99-106, 2012.

_____. **Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè**: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. In. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.

LEVI-STRAUSS. **Antropologia estrutural**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro.1976.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 27.ed. Cultrix. São Paulo 2006